



**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER  
LICENCIATURA EM NORMAL SUPERIOR**

**MARÍLIA HONORATO MIRANDA DE FARIAS**

**DESCOBERTAS DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES:  
LEITURAS QUE VÃO MUITO ALÉM DOS LIVROS**

Rio de Janeiro

2022

**MARÍLIA HONORATO MIRANDA DE FARIAS**

**DESCOBERTAS DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES:  
LEITURAS QUE VÃO MUITO ALÉM DOS LIVROS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado em Normal Superior, com Habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientadora: Professora Doutora Cristina Laclette Porto

Rio de Janeiro

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F224d Farias, Marília Honorato Miranda de

Descobertas da formação de professores: leituras que vão muito além dos livros / Marília Honorato Miranda de Farias.– Rio de Janeiro: ISEPS, 2022.–

31 fl. il.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber, 2022. Requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientador: Professora Doutora Cristina Laclette Porto

1. Educação infantil. 2. Formação de Professores. 3. Memória de Formação. 4. Observação. 5. Leitura. I. Título. II. Orientadores. III. ISEPS. IV. Instituto Superior de Educação Pró-Saber.

CDD 372

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Pró-Saber

## LICENÇAS

Autorizo a publicação desse trabalho na página da Biblioteca do Instituto Superior de Educação Pró-Saber ou em qualquer meio que julgue adequado, tornando lícita sua cópia total ou parcial somente para fins de estudo e/ou pesquisa.

Essa obra está licenciada sob uma Licença **Creative Commons**, maiores informações <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>.

Rio de Janeiro, 9 de junho de 2022.

**MARÍLIA HONORATO MIRANDA DE FARIAS**

**MARÍLIA HONORATO MIRANDA DE FARIAS**

**DESCOBERTAS DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES:  
LEITURAS QUE VÃO MUITO ALÉM DOS LIVROS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado em Normal Superior, com Habilitação em Magistério da Educação Infantil.

**ORIENTADORA**

**Professora e Doutora Cristina Laclette Porto**

---

**LEITOR**

---

**Professor(a)**

Rio de Janeiro

2022

Dedico todo esse trabalho aos meus mestres, os quais não mediram esforços para que eu o realizasse. Dedico também à Ana Lucia Machado dos Santos, uma professora lá do meu trabalho, que pôde me apresentar o Curso Normal Superior do Pró-Saber, que foi e sempre será tão importante para minha vida. Dedico muito à minha família, em particular, à minha mãe, que me impulsionou a atuar na área da educação. Sou grata a Deus, por tudo que ela fez e continua fazendo por mim. Dedico também a alguns colegas de trabalho, por todo apoio e incentivo e também aos meus amigos que, direta ou indiretamente, estiveram junto comigo nesse processo. Dedico a minha irmã, meu irmão, meu sobrinho e minha cunhada, que tanto me ajudaram nestes estudos, sempre me dando força, apoio e me incentivando nessa busca pelo conhecimento.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, pois em tudo vejo a mão d'Ele. Sem sua presença e força, eu nada conseguiria, e nem estaria aqui para contar toda essa vivência e experiência. Sou muito grata a cada um dos meus professores, todos eles tiveram sua parcela em todo meu processo de construção e aprendizado. Não sei como seria, se não fosse a força, o incentivo, a humanidade e o carinho que cada um teve comigo e com o meu processo de construção de conhecimento. Agradeço a minha família, que mesmo com tantas dificuldades durante esse processo, me ajudou muito. Agradeço a minha irmã, que esteve sempre comigo, cedendo espaços da casa que dividimos, e me ajudando em outras situações. Agradeço a minha tia Marilda, que tanto me apoiou, acreditou e me impulsionou a não desistir nos momentos difíceis. Quero registrar também, meu agradecimento às minhas assessoras educacionais e também aos meus colegas de trabalho, pois, sem eles, não conseguiria chegar onde cheguei, muitos tiveram uma participação em toda minha jornada. E agradeço a todos que se envolveram direta ou indiretamente nesse meu processo, por todos aqueles que acreditaram em mim, no meu potencial. Isso fez toda diferença para que eu pudesse dar continuidade a essa caminhada tão árdua, tão difícil, mas tão prazerosa.

Ler significa reler e compreender, interpretar. Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam. Todo ponto de vista é a vista de um ponto. Para entender como alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é sua visão de mundo. Isso faz da leitura sempre uma releitura. (MEYER, 2003, p. 31).

## RESUMO

Este trabalho trata de um mergulho feito na minha formação no Curso Normal Superior do Pró-Saber, em que rememoro o percurso e mostro as descobertas e os conhecimentos construídos por mim, como educadora da Educação Infantil. Além de refletir sobre a ampliação e a valorização da leitura na minha vida, busco enfatizar sua importância na Educação Infantil. Todos os saberes aqui rememorados e apresentados se deram por meio do aprimoramento da observação, do olhar atento e na relação com meus colegas e professores. Estudos teóricos, observações de experiências práticas foram feitos para compreendê-los.

**Palavras-Chave:** Formação; Leitura; Novo olhar.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>09</b>
<b>1 PRÓ-SABER: UM MUNDO A SER DESCOBERTO</b>	<b>13</b>
1.1 Observação e registro	13
1.2 Escrever, escrever... pra que?	16
<b>2 REGISTROS ESCRITOS E FOTOGRÁFICOS NA RECONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA</b>	<b>18</b>
2.1 No meio do caminho... uma pandemia	21
<b>3 SOBRE LEITURA E ESCRITA</b>	<b>24</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>29</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>31</b>

## INTRODUÇÃO

Minha motivação e inspiração sempre foi a minha mãe, que se formou como professora e hoje é concursada no lugar onde mora, lá na Paraíba. Mas, quando iniciei o curso de Magistério, confesso que não fiquei muito feliz pois, na verdade, foi ela que escolheu. Onde eu morava, uma das poucas opções de trabalho era ser professora, por isso tanto incentivo e motivação da minha mãe. Era como se fosse a única esperança.

Antes, porém, trabalhei por dois anos em uma papelaria, atendendo clientes que precisavam de ajuda para escolher materiais escolares para seus filhos, e quantas crianças pude conhecer, mesmo que por um dia ou algumas horas. Depois fiz o Magistério, e lá se foram quatro anos: três de curso e um de estágio com muita preparação. Esse ano de estágio foi de muito sofrimento, pois eu era muito tímida e dar aulas para os pequenos foi difícil, mas trago em mim como algo que me marcou muito.

Bem no início do caminho, lembro quando fui estagiar na sala da pré-escola, e a professora Regente era Livramento (Mento), que foi minha primeira professora na escola. Meu Deus, que vergonha, que nervoso! Não consigo lembrar de todos os detalhes, mas lembro bem de quando ela falou. "Marília, vai lá, agora é com você". Gente, que experiência foi essa! Sai de lá falando que nunca mais seria professora. Que medo, que aflição! Sempre achei que ser professora era muita responsabilidade, muita coisa para dar conta.

Me formei e o dia da formatura foi marcante. Além de ter sido incrível, foi também muito engraçado. Como não pude comprar o anel de formatura, peguei um emprestado. Meu irmão, que, na época, tinha 10/12 anos, não me recordo bem, foi o padrinho. Era um dia lindo, de muita emoção. Bem na hora que chamaram meu nome, "Marília", para receber o canudo e colocar o anel no dedo, ele ficou tão nervoso que deixou cair no chão. Coitado! Mesmo nesse papel de tanta responsabilidade, tão pequeno para isso, foi forte, valente, corajoso e muito rápido, pois se abaixou, pegou o anel e colocou no meu dedo. Que lindo, que alegria poder relatar essa experiência! Ao escrever, pude reviver a cena inteirinha, exatamente como tudo aconteceu.

Figura 1 – A missão de Alan Dayvid



Acervo da autora. Umbuzeiro, Paraíba. Dezembro de 2005

Mas depois...

Embora formada, não consegui nenhum trabalho por onde eu morava, daí então, surgiu a ideia de viajar para o Rio de Janeiro. Chegando aqui, meu segundo emprego foi em uma creche no bairro de Botafogo, na Casa São João Batista da Lagoa, que, infelizmente, não existe mais, pois faliu e fechou as portas em 2011. Foi uma tristeza muito grande para todos os funcionários, pais e crianças. Nesta instituição, começou e aflorou o meu encantamento pela educação e por aquelas crianças. Tive experiências incríveis e vivências maravilhosas. Eram crianças de comunidades, a maioria muito amorosa, algumas mais agressivas. Nesse período, fui auxiliar de uma professora meio louca, no bom sentido. Ela era muito alegre, espalhafatosa, agitada e eu, toda meiga, tímida. Sofri um pouco, mas aprendi muito com ela.

Esse foi meu primeiro contato direto com a educação infantil. Compreendo como Madalena Freire (2008), que o amor é um dos motivos para se trabalhar nessa área. A autora assim define essa profissão:

Acredito que cada educador tem como desafio viver essa vida com cada um de seus educandos. Cada educador tem como desafio gerar o re-nascimento-crescimento de cada um. Cada educador deve viver essa sua inteireza com cada educando. Não existe educador fora desse ato de amor (FREIRE, M., 2008, p. 66).

É preciso amar as crianças, entendê-las e ajudar cada uma em sua construção, e isso me faz crescer e evoluir como ser humano. Atuar na educação infantil hoje, é um sonho realizado. Me sinto uma pessoa totalmente completa, porém sempre buscando mais aprendizados e conhecimentos para compartilhar e ajudar cada criança que passa em minha vida enquanto educadora.

A amorosidade é importante para trabalhar na educação, mas a busca pelo conhecimento, a curiosidade pela diversidade, é fundamental. Tanto é que me levaram ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber - ISEPS, quando tive a oportunidade de participar da I Jornada Pedagógica, realizada ali. Já era o início de muitas conquistas e experiências que estavam na minha frente, decorrentes da busca por mais conhecimento e pela minha formação como educadora. É claro que me encantei com o lugar, o espaço, a casa do Pró-Saber.

Figura 2 – Primeira experiência no ISEPS



Foto tirada por mim

Em seguida, a professora Ana Lucia Machado dos Santos, Assessora da Educação Inclusiva no meu atual trabalho, que foi aluna da pós-graduação do Pró-Saber, foi muito solícita, incentivadora, não somente para comigo, mas também com duas colegas de trabalho, nos levando a prestar o vestibular para o Curso Normal Superior. Depois de termos feito a prova e somente eu ter sido aprovada, ela me ajudou a fazer o meu memorial, me aconselhando na sua construção e elaboração. Sou muito grata a ela, por ter me dado essa

oportunidade de conhecer e atuar como educanda no Pró-Saber. Ana Lúcia foi a peça chave para que eu estivesse aqui, estudando, buscando conhecimento e me aperfeiçoando enquanto educadora.

Nesta monografia, rememoro meu processo de formação na educação até chegar no Pró-Saber e como saio depois de passar pelo Curso Normal Superior de Educação com Habilitação em Educação Infantil. Apresento a transformação que foi ocorrendo na minha relação com a leitura e a escrita, e como o conhecimento no Pró-Sabe contribuiu para isso. Ler e escrever sempre foi um grande sacrifício para mim, mas desenvolvi um olhar sensível e curioso, à procura do que está além do livro. Em resumo, é disso que se trata. Fico muito feliz em compartilhar essa experiência!

## **1 PRÓ-SABER: UM MUNDO A SER DESCOBERTO**

Eu imaginava o Pró-Saber como uma faculdade comum, como qualquer outra. Ao iniciar o curso, no entanto, fui percebendo a diferença que faz a metodologia de ensino que fundamenta uma educação democrática, onde professor e aluno aprendem e constroem a aula juntos.

Digo para mim e para todos que conheço, que eu não escolhi este curso, foi o curso que me escolheu, pois não me vejo estudando em outra instituição, em outro ambiente. Só o Pró-Saber consegue oferecer algo tão especial, tão agradável e dedicado aos seus educandos. Aqui fui desconstruindo muitos ranços que carregava, de minha infância e adolescência, e hoje vejo que essa desconstrução mudou muito minha vida como educanda. O curso me fez enxergar o verdadeiro educador, aquele que precisa amar e odiar, pesquisar, conhecer e nunca parar sua busca pelo conhecimento, pois, se pararmos, morremos enquanto educadores, como diz, Madalena Freire.

O professor tem que estar vivo dentro de sala, o frio na barriga tem que fazer parte de suas aulas. Ele precisa planejar e construir a aula junto com seus educandos. Como diz Madalena Freire (2008, p. 65): "Desejos de vida são aqueles que nos impulsionam para os conflitos, para os problemas na busca de sua superação, transformação e mudança".

Estudar nessa instituição é um grande investimento profissional e pessoal. Pessoal, porque aprendi a aprender e profissional, porque enquanto educadora me vejo em constante aprendizado, sendo uma pesquisadora, vivendo emoções e experimentando novas relações com as crianças.

### **1.1 Observação e registro**

Madalena Freire, coordenadora pedagógica do curso, propõe o uso de 4 instrumentos metodológicos, para alicerçar o processo de ensino/aprendizagem. São eles: a observação, o registro reflexivo sobre a prática/teoria, a avaliação e o planejamento. Eles foram e são essenciais nesse meu processo de construção de conhecimento. Cada registro me levou a refletir e crescer enquanto educadora e educanda. No início, bem no primeiro

ano, lembro-me bem como foi difícil construir minha escrita e elaborar as sínteses. Era de doer na alma! Cada vez que eu me sentava para refletir sobre a aula, me questionava. Porque escrever sobre todas as aulas? Qual o sentido dessa escrita? Atualmente, consigo entender a importância da atividade da síntese como um resgate e avaliação de toda aula, que traz os conteúdos, o que aprendi, o grupo e o ensinar da coordenação/professor.

Depois de alguns anos sem estudar, sem exercitar a escrita, me via totalmente fora de mim na hora de escrever. E com o passar do tempo, fui percebendo minha evolução, e como isso já fazia parte de mim, não só no momento do curso, mas no meu trabalho e em outros espaços e momentos da minha vida. Madalena questiona: “Por que escrever? Pra que escrever? O que a escrita comunica? Qual a função da escrita?” (FREIRE, M., 2008, p. 53).

Posso me ver em muitas situações vividas durante todo o curso, acompanhada dessas inquietações. Ao final de cada aula, o grupo inteiro fazia a avaliação, momento em que as respostas dadas aos pontos de observação, lançados no início, pelo professor, eram socializadas. Os pontos de observação provocam o exercício de pensar como a aula é construída por cada um dos envolvidos (P.O. da aprendizagem), pelo grupo (P.O. da dinâmica) e pelo professor (P.O. da coordenação). Os pontos de observação da dinâmica e da coordenação eram feitos por dois alunos escolhidos para observar atentamente o movimento do grupo e o ensinar do professor. Esse foi um dos instrumentos que me assustou muito no começo: Como compartilhar diante de toda turma o que eu aprendi, refleti e observei durante a aula? Como avaliar a coordenação do professor?

Observar requer um ato de muita atenção, escuta e uma presença bem presente. Nesse processo, é preciso desenvolver um olhar apurado, uma visão significativa, para enxergarmos o que faz sentido e também o que não faz. O olhar da observação vai além do ver, da própria visão.

A partir de tudo que vi, aprendi e construí a partir da observação, reconheço a importância do ato de observar enquanto educadora, pois tudo se faz novo e diferente, quando se tem uma atenção maior, uma observação com foco e alguns direcionamentos.

Como disse, no início, foi bem difícil para mim, sobretudo, observar a coordenação, ou seja, observar a professora e seu ensinar e depois

compartilhar com o grupo nossa avaliação. Tive muito medo: Como falar o que via e observava no ensino da coordenação? Logo eu, que vinha de uma educação autoritária, na qual vivi por muitos anos, onde só o professor tinha voz, só ele podia falar. Eu ficava pensando: Como eu, uma educanda, vou avaliar o ensino de um professor?

Mas, com o passar dos anos e com muita prática, esse sentimento, esse medo foi mudando e fui percebendo o meu direito enquanto educanda dentro da sala de aula. Ali era possível falar e sentir a educação democrática, construída com o aluno e o professor, pois fica muito visível como ambos constroem a aula.

Antes, entendia a avaliação como instrumento próprio apenas do professor, uma prova que era aplicada aos alunos e que causava medo, trauma. Percebo o quanto fui prejudicada ao ser submetida a esse tipo de avaliação.

Contudo, no Curso Normal Superior do Pró-Saber, fui tomando consciência de que avaliar é um processo e acontece numa ação permanente de refletir o passado no futuro. Aprender a avaliar é também habituar nosso planejamento. É preciso observar, analisar e planejar com foco no que está sendo observado.

É importante falar também do papel da observadora em sala, que é muito importante para a construção da aula. No Pró-Saber, as observadoras têm como função observar os movimentos da aula, como aconteceram e ajudar tanto o educador quanto os educandos. No início do curso, era estranho ter alguém em sala, em silêncio, só anotando. Parecia que estava ali para ver quem estava se comportando ou não. Era uma sensação bem estranha. Com o passar dos anos, percebo o quanto seu papel é especial para a construção de cada aula, pois ela é um olhar a mais dentro da sala.

Observar uma situação pedagógica é olhar - la, fitá - la, mirá - la, admirá - la, para ser iluminada por ela. Observar uma situação pedagógica não é vigiá - la, mas sim fazer vigília por ela, isto é, estar e permanecer por ela, na cumplicidade da construção do projeto, na cumplicidade pedagógica. (FREIRE, M., 2008, p. 136).

Maria Cecília Almeida e Silva, reitora do Pró-Saber, defende que uma Psicopedagogia revolucionária tem como objeto o ser cognoscente. Neste sentido, a observação é uma atividade que desenvolve o exercício constante

da construção da autonomia do ser cognoscente. Na disciplina de “Introdução à Psicopedagogia”, ainda no primeiro semestre (2019-2), com a professora, Heloisa Protásio, aprendemos sobre a constituição do ser cognoscente, que constrói seu próprio conhecimento.

Com essa disciplina, pude conhecer as dimensões do ser cognoscente, que são: a relacional, racional e desiderativa. A dimensão relacional refere-se ao ser e sua relação com o outro, determinando suas interações mediadas pela linguagem. A dimensão racional é a que favorece parte da construção de suas próprias estruturas e das ações interiorizadas, e assim começa o conhecimento através do que é vivido, ou seja, por meio do que o sujeito formula. A dimensão afetiva/desiderativa diz respeito ao desejo, ao que o sujeito não domina, pois ele não é absoluto em seu saber, e em seus próprios pensamentos. Para isso, estudamos alguns autores como: Maria Cecília e Silva, Jean Piaget, e suas teorias de assimilação e acomodação, Vygotsky, entre outros.

Como um ser cognoscente encarnado, fui caminhando em direção à minha própria autonomia e, como educadora, passei a me atentar mais para as potencialidades de cada criança e trabalhar para identificar os obstáculos no processo de conquista de sua autonomia.

Usar os instrumentos metodológicos em minha rotina de modo geral é de muita importância, pois criei o hábito de ser mais observadora, e isso tem ajudado muito em minhas tarefas diárias.

## **1.2 Escrever, escrever... pra que?**

Quando comecei o curso, era muito difícil escrever e elaborar as sínteses de cada disciplina e que são parte da metodologia do Pró-Saber. Ao ver o tempo passar, fui percebendo a importância e a evolução da minha escrita. Madalena Freire as defende como fundamentais para apurar o pensamento, pois criam condições de apropriação dos passos que seguimos no nosso processo de construção do conhecimento e nelas exercitamos as operações mentais de comparar, observar, interpretar, classificar e sintetizar.

Quando escrevemos, desenvolvemos nossa capacidade reflexiva sobre o que sabemos e o que ainda não dominamos. O ato de escrever nos obriga a formular perguntas e hipóteses, nos levando a aprender mais e mais, tanto a formulá-las quanto a respondê-las. (FREIRE, M., 2008, p. 56).

Reconheço o quanto esse hábito da escrita tomou conta de mim; não fico mais sem meus registros diários, sejam eles no trabalho, em casa, na vida pessoal e até na igreja, quando vou aos cultos. Esses registros têm me transformado, e me levado a ter uma nova visão e interpretação das coisas que assisto e presencio.

O registro tem sido um grande aliado, me ajudando a não perder meus pensamentos e palavras importantes para minha rotina como educanda e educadora. Afirmando que, como educadora, que cada vez mais vejo as crianças com um novo olhar, sem julgamento, com mais atenção e tentando entender cada sinal e cada alerta que elas tentam nos mostrar. “A observação faz parte da aprendizagem do olhar, que é uma ação altamente movimentada e reflexiva. (FREIRE, M., 2008, p. 32).

O registro é um instrumento que me obriga a pensar, me levando a refletir e estar em constante fazer, criar e caminhar em busca de propostas e ferramentas para melhor atender a mim como educadora e a meus educandos. Permite também a revisão de alguns feitos, pois me possibilita grandes avaliações sobre minha prática e construção enquanto educadora. “O registro é História, memória individual e coletiva eternizadas na palavra grafada”. (FREIRE, M., 2008, p. 59).

Esse é um processo que vivenciamos ao longo do curso inteiro. Todas as disciplinas nos levavam, em algum momento, a revisitarmos nossas experiências da infância, para percebermos como nossa identidade foi constituída e em que concepção de educação fomos criados. A partir desse mergulho, passamos a estudar como fazer para oferecer uma educação mais democrática para as crianças com as quais trabalhamos. E se o registro se mostra importante no meu cotidiano, imagina na elaboração desta monografia!

## **2 REGISTROS ESCRITOS E FOTOGRÁFICOS NA RECONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA**

O processo de pesquisa mais específico teve início nas aulas de Metodologia de Pesquisa, quando refletimos sobre os documentos que podem nos servir como suportes de memória. Além do registro escrito, vimos que a fotografia é também uma grande aliada.

Na aula do dia 26 de outubro de 2021, por exemplo, a professora Cris Porto nos mostrou uma foto das colegas Laira e Jhennifer, com saias coloridas. O dia, lembrado por uma foto, foi de muitos aprendizados e trocas de conhecimentos com a turma sobre suas raízes, onde cada um pôde apresentar um pouco do seu lugar e da sua cultura. Um dia inesquecível para todos nós!

Mesmo ainda não sendo um grupo, naquela ocasião, e sim, um amontoado, tivemos momentos que ficarão para sempre em nossa memória, que como diz Bosi (2012, p. 198), “desconhece a ordem cronológica”. A hipótese dessa importante autora do campo da Psicologia Social é que a memória “opera com grande liberdade, recolhendo fatos memorados no espaço e no tempo, não arbitrariamente - mas por que se relacionam através de índices de significação comum”.

Depois de um tempo, pude voltar a esse dia e trazer à memória tudo que vivemos e construímos juntos. Com essa atividade, aprendemos sobre as regiões, as vestes, comidas e danças de cada lugar, reconhecendo a grandeza e a diversidade de lugares e culturas. Outro exemplo são os registros escritos que fomos guardando a cada aula: cartas, sínteses, trabalhos realizados.

Tanto é que posso trazer aqui um pouco da minha raiz e cultura como Nordestina. Como foi chegar aqui no Rio de Janeiro e encarar essa cidade grande cheia de gente preconceituosa?

Viver no Rio de Janeiro nos primeiros dias foi desafiador; dias de muita tristeza. Todas as vezes que lembrava do meu lugar, brotava dentro de mim uma vontade de voltar, mas, logo apareciam outros pensamentos, como: o que você veio buscar aqui? Como realizar seus sonhos se você voltar para sua cidade? E daí em diante meus dias de tristeza, solidão e muita saudades foram sendo vividos.

Apresento aqui duas imagens e com elas trago um ato de inspiração e saudades dos momentos vividos no início desse percurso.

Figura SEQ Figura 1ª ARABIC 1 A primeira aula de Alfabetização Cultural, com a professora Melissa, onde pude comemorar mais um ano de vida.



Fotógrafo: Sebastião de Oliveira, Pró-Saber, 2019

Que dia lindo e marcante para mim!

Vimos, na disciplina de Metodologia de Pesquisa, como as cartas escritas por Paulo Freire foram guardadas pela menina Nathercinha, sua prima, com 9 anos na ocasião. Esse tesouro foi recuperado por pesquisadoras, que incentivaram Nathercia a escrever e publicar sua história no livro infanto-juvenil, chamado “A casa e o mundo lá fora: cartas de Paulo Freire para Nathercinha”<sup>1</sup>. Fiquei tão inspirada, que comecei a procurar as cartas que escrevi para minha amiga, assim que cheguei ao Rio. Como era bom! Era somente com ela que eu podia contar tudo que eu passava nesse meu início de vida em uma cidade grande.

Em uma disciplina que nos acompanha do início ao fim do curso, chamada “Alfabetização Cultural”, a fotografia, como uma arte de registrar momentos, também esteve presente e pude conhecer um pouco do trabalho do projeto “Favela Grafia”, desenvolvido com moradores da favela, com muito potencial e capacidade para levar essa arte para diversos lugares e descobri a arte e a cultura que nos cercam.

---

<sup>1</sup> LACERDA, Nathercia. **A casa e o mundo lá fora**: cartas Paulo Freire para Nathercinha. Rio de Janeiro: Editora ZIT, 2016. Com ilustrações de Bruna Assis Brasil e pesquisa de Cristina Laclette Porto e Denise Sampaio Gusmão.

A cada aula e conteúdo que Melissa Lamego, nossa professora, trazia, era levada a refletir sobre minha cultura, meu modo de ver a arte e o lugar onde moro atualmente.

Uma das atividades propostas por Melissa, por exemplo, foi levar uma fotografia da nossa comunidade, algo que nos chamasse atenção, ou que nunca demos muito valor. Eu escolhi uma foto do alto da casa onde moro, que foi registrada por minha cunhada, Daniela, da laje da sua casa. Com a foto, descobri o quanto de lindo tem o lugar, e quantos sonhos vivem ali. Como título coloquei: “Aqui existem sonhos”. E porque trouxe esse título? Pois bem, porque, quando pensamos em favela, só vemos pobreza, guerra, miséria, tráfico, drogas. A partir da fotografia vista como suporte de memória e arte, fui refletindo que em nossas favelas existe também muita beleza, sonhos e pessoas que lutam por dias melhores.

Ao falar sobre fotos, lugares e registros, aproveito para apresentar aqui o meu lugar de origem, minha casa natal; lugar onde cresci e vivi momentos maravilhosos enquanto criança, adolescente e adulta. Esta casa me traz muitas lembranças. Quando lembro, a vontade que tenho é de sair correndo e voltar para lá. Um lugar tranquilo, de paz, onde todos se conhecem, se ajudam e tentam viver de uma maneira livre, com segurança. Lá, eu ouço pássaros cantando, árvores balançando, e folhas caindo ao chão. Isso me leva a concordar com Madalena Freire que diz:

Perceber-se como fazedor de histórias, marcado por nosso inacabamento e finitude ser dono de seu destino pedagógico, profissional e pessoal é crucial dentro do processo de formação desse sujeito pensante, autor e construtor de conhecimento. (FREIRE, M., 2008, p. 43).

Figura 4-- Meu lugar, minha casinha, onde vivi momentos diversos e inesquecíveis.



Autora: Gerlane Honorato.

Foi revendo esses registros, que pude rever momentos do início do curso, de quem me aproximei, com que professores me identifiquei no pouco tempo que convivemos presencialmente, antes da pandemia se instalar no mundo.

## **2.1 No meio do caminho... uma pandemia**

Sobre isso, lembro-me, como se fosse hoje! No dia 13 de março de 2020, estávamos no Pró-Saber e a professora Clara Araújo chegou para anunciar que as aulas estavam suspensas por conta da Covid-19, doença provocada por um vírus que assolou toda a sociedade. Clara estava com os olhos cheios de lágrimas, creio que não querendo dar essa notícia, mas avisando que, naquele momento, era o que tinha que ser feito. Foi um choque para todos. Aceitamos, achando que seria por alguns dias apenas e logo voltaríamos a nos encontrar.

Depois desse dia, passamos a ficar em casa, esperando alguma notícia de quando tudo voltaria ao normal. Porém, ao longo daquele tempo de espera, as coisas só pioraram. Os casos e mortes pela doença aumentaram e, o que parecia que ia durar dias, virou meses e anos.

Fomos enfim avisados de que retornaríamos às aulas, mas estas seriam online, pois teríamos que cumprir o isolamento social. E agora? Como estudar online, sem computador e sem uma boa internet?

Depois de termos sido consultados sobre as condições de acesso às diversas plataformas, lá estava, a turma 2019, os grandes mestres e eu, iniciando as aulas online, via *WhatsApp*. Com muito medo e angústia, nos lançamos aos grandes desafios. A cada aula que se iniciava, era um frio na barriga que eu sentia, pensando numa internet que fosse boa o suficiente. Como iria tirar dúvidas, sem ver ninguém? Esse era um dos pensamentos que eu tinha, entre outras questões que enfrentava nas aulas online.

Trago em minha memória, uma escrita que fiz da aula da Priscila Almeida, quando mencionei que não tinha um espaço adequado para assistir às aulas. Tive que me apropriar da cama da minha irmã, pois esse era um dos melhores lugares para ficar tranquila e juntar-me ao grupo, em busca de mais

conhecimentos. Me enfrentava a cada aula, me superando a cada momento que ouvia as falas dos meus colegas de sala, cada um trazendo suas dificuldades diárias.

Depois de muita superação e certa adaptação a esse modelo, fomos nos sentindo mais à vontade, mais seguros e aproveitando mais cada momento, sempre lembrando da oportunidade que estávamos tendo de poder dar continuidade aos nossos estudos, nessa busca pelo conhecimento junto com o grupo, tendo em vista que escolas e outras faculdades ficaram totalmente fechadas, com aulas suspensas.

Depois das aulas pelo *WhatsApp*, passamos, em 2021, para as aulas no *Google Meet*. E aí surgiram outros medos, outros desafios, mas talvez uma forma de melhorar nosso estudo entre o grupo. A partir daquele momento, nos veríamos em todas as aulas, mesmo que só as carinhas aparecessem através da pequena tela do celular ou do computador.

Para mim, a experiência do *Meet* foi muito boa, porque percebi que me ajudou a socializar mais no grupo. Lembro-me das aulas da professora Alexandra Penna, quando ela trouxe a discussão em torno do Preconceito Linguístico, apresentando o autor Marcos Bagno, que fortaleceu a importância de reconhecermos nossa raiz, nossa origem. Pude mais uma vez voltar ao meu passado e reconstruir minhas raízes. A memória foi essencial e geradora de presente e futuro. Pude fazer uma restauração do passado, pesquisando e recolhendo memórias e história da minha vida. Com isso, pude socializar e falar mais, pois me sentia mais à vontade, assumindo meu jeito próprio de falar.

Penso que as aulas da professora Heloisa Protásio também me ajudaram muito, quando nos foi apresentado o conteúdo de grupo e suas funções. Ali fui entender minha importância naquele grupo, e o quanto era necessário que eu falasse e trocasse o que estava pensando no coletivo. Com essas trocas, durante as aulas, fui me vendo mais aberta a partilhar minha fala com todos, pois, só poderia participar do grupo, quando, de verdade, me sentisse parte. E para que isso acontecesse, foi preciso uma tomada de consciência da minha parte. Precisei me ver, entender minha importância e autoridade dentro dele. Com o tempo, fui entendendo o quanto a minha fala era importante não só pra mim, como para os colegas. E por isso, seria

necessário que eu partilhasse, perguntasse, socializasse e perdesse esse medo que eu tinha de falar besteira ou de ser criticada, de acharem que sou louca por fazer certas perguntas que talvez não tivessem sentido, não fossem importantes. Compreendi que:

Um grupo se constrói enfrentando o medo que o diferente, o novo, provoca, educando o risco de ousar e o medo de causar rupturas. Um grupo se constrói não na água estagnada que é o abafamento das explorações, dos conflitos. Um grupo se constrói, criando o vínculo com a autoridade e entre iguais. (FREIRE, M., 2008, p. 104).

Entendi que todos esses sentimentos negativos sobre nós mesmos se formaram por conta da concepção autoritária em que fomos educados. Essa concepção deixou marcas difíceis de serem transformadas, reconstruídas.

Durante esses três anos de estudo e busca pelo conhecimento no Pró-Saber, pude desconstruir parte dessa concepção maldosa, que carreguei durante anos. Certamente ainda não estou cem por cento democrática, mas, mudei muita coisa a partir da metodologia que a instituição apresenta, e da qual fiz parte.

Atualmente me sinto com autoridade enquanto educanda, me vejo com voz e vez. Nessa concepção, tenho minha singularidade e importância dentro do grupo. Buscar e entender minha singularidade, desde a história do meu nome, foi algo que transformou minha visão enquanto educanda e educadora. Pude buscar nas memórias o meu nome, quem escolheu, porque escolheu. Coisa que eu nunca imaginei fazer, mas que foi de suma importância para completar a pessoa que sou agora - única e exclusiva e que tem uma digital única, que jamais será igual a outra.

Temos uma marca em nosso corpo, nossa impressão digital, que registra que cada um de nós é um único exemplar na face da Terra e, por isso mesmo, estamos fadados ao mundo das diferenças, sempre em confronto com o diferente. Sempre incluído os outros à vida de grupo, do heterogêneo. (FREIRE, M., 2008, p. 25).

Depois dessa desconstrução com relação a minha personalidade e identidade, compreendi o ser único que sou e descobri também paixões que foram despertadas e que passaram a fazer parte de mim também.

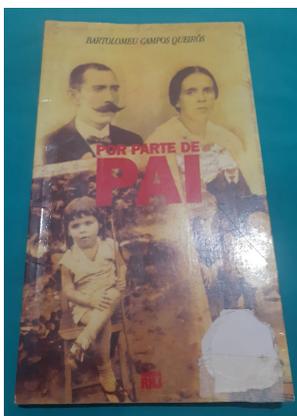
### 3 SOBRE LEITURA E ESCRITA

As aulas de Oficina de Leitura e Escrita me ajudaram muito nessa escavação de minhas memórias. Os textos trazidos pela professora Liana Castro me remeteram a lembranças boas e ruins, onde constatei o que faltava em minha formação, em decorrência do meu contexto de vida.

Começo minhas memórias de leitura e escrita falando da ausência das mesmas. Em minha infância não tive o hábito de ler, não tive incentivo para estar próximo dos livros. Meu contato com a leitura era somente na escola, com as cartilhas, livros de histórias pequenas, das quais não me recordo. Na verdade, poucas são minhas lembranças como leitor. (escrita de uma das sínteses da Liana, dia 19/11/2019)

Dos autores apresentados, Bartolomeu Campos de Queirós tornou-se um de meus favoritos. Em “Uma Definitiva Presença” (QUEIRÓS, 2012), ele me trouxe à memória minha querida professora Maria José, que me inspirava. Eu a tinha como uma professora perfeita, assim como estava no texto do Bartolomeu, que tinha uma paixão por sua professora. Outra obra dele, que me marcou muito e me deixou totalmente encantada com os detalhes e a forma como ele escrevia, foi “Por Parte de Pai” (QUEIRÓS, 1995), uma leitura maravilhosa, com entendimento fácil e com palavras do nosso conhecimento. Foi através desse livro, que fui descobrindo o gosto pela leitura. Eu me via no texto, cada palavra lida me trazia à mente minha infância, minha pequena cidade onde morava. Foi uma leitura tão forte e apaixonante, que senti o desejo de comprar o livro.

Foto 5 - Amor à primeira vista



Fotografia de Marília Honorato

Ao rememorar cada experiência, destaco que o contato com outros autores também representou uma força nesse sentido. Outros autores também se mostraram especiais, pois, me levaram a refletir sobre a importância da leitura na vida do ser humano. Maria Carolina de Jesus, porque transformou sua realidade miserável em literatura. No livro “O Quarto de Despejo” (2014), vi a humildade e a profundidade de sua escrita ao retratar sua história de vida, sua luta pela por uma vida mais digna, pensado em fazer o melhor para si e para seus filhos. Otávio Júnior, com um livro infanto-juvenil chamado “Da minha janela”, soube valorizar o lugar onde mora. Com os livros apresentados em aula, consegui entender que não é necessário pertencer uma classe social alta para ser autor, mas, sim ter vontade própria para construir uma escrita, levando o leitor a se envolver com o que está sendo lido. E assim, foi com os autores que cito acima.

Fiquei muito feliz e agradecida à professora Liana, por me proporcionar essa oportunidade, pois foi através de suas aulas que o desejo pela leitura surgiu e me fez buscar mais sobre a literatura e outros tipos de leitura. Além disso, a descoberta dessa paixão transformou minha prática profissional.

Depois de tantos estudos, trocas e aprendizados realizados nas aulas, me vejo na obrigação de fazer diferente do que fazia antes, como por exemplo, o momento de contar histórias para as crianças. Aprendi sobre a importância de simplesmente contar e deixar que a história reverbere em cada criança, sem exigir necessariamente um desenho ou algo relacionado, mas levando as crianças a refletirem, aguçando, em cada uma, o gosto pela leitura, sem cobranças.

Partindo das aulas com a professora Alexandra Pena e com os textos apresentados na disciplina de Metodologia da Língua Portuguesa, pude fazer essa desconstrução do papel do professor na educação infantil. Pude compreender que é preciso contribuir e ajudar a criança em desenvolvimento.

Toda criança tem muitos questionamentos, é curiosa, precisa interagir e buscar modelos. A criança tem criatividade, elabora hipóteses e possibilidades variadas na sua construção de conhecimento. Para que isso tenha continuidade, é necessário levar a literatura e a arte junto com a leitura de mundo e o letramento.

Cada criança receberá de maneira diferente e fará sua própria interpretação do que apresentamos. Numa concepção de educação autoritária, há uma desvalorização da leitura de mundo, quando não damos espaço nem voz para as crianças. Por pura ignorância, achamos que as crianças da educação infantil não sabem ler, quando, na verdade, todas começam a ler, quando se expressam sobre seus saberes e experiências. Não devemos cobrar muito delas, mas deixá-las livres em sua imaginação e criação para experimentarem, se expressarem e usarem a imaginação.

Como auxiliar de ensino, presenciei uma situação, que me fez refletir muito... A professora que eu acompanhava contou a história “De todas as cores” (2005), da autora Nye Ribeiro. Depois, ela propôs uma atividade para a turma, pedindo para que cada criança escolhesse uma página e fizesse o desenho que escolheu, que lhes tocou. No meio da atividade, uma criança escolheu uma página e colocou somente a cor preta na folha branca. O desenho dela ficou preto e branco. A professora então perguntou: “Por que sua atividade não estava colorida?” A criança respondeu: “Eu vi o livro preto e branco, por isso meu desenho está assim”. De fato, algumas páginas eram em preto e branco e ela foi capturada por esse detalhe. Ficou visível, para mim, o quanto, muitas vezes, impomos interpretações e limitamos a criação e imaginação da criança, não dando o direito dela expressar o que vê e o que sente.

Fazendo relação entre a leitura e a escrita com a imaginação, interpretação e expressão da criança, é preciso lembrar que esse trabalho com a linguagem e a escrita deve trazer para criança a permissão e o direito dela assumir um papel importante na sua formação de leitor, sendo usuária competente da sua escrita e respeitando-a sempre como produtora da sua cultura, da sua realidade e da sua história.

Hoje, posso dizer que tenho um olhar mais atento e cuidadoso para cada atividade que realizamos em sala e que envolva escrita, desenhos, artes ou brincadeiras, pois cada uma proporciona delas interação, envolvimento, diálogo e criação de cada criança. A educação infantil tem uma identidade própria, constituída por suas características específicas as quais dão um destino para cada sujeito. Concordo e tenho buscado fazer o que diz Rubem Alves (2008):

Se fosse ensinar a uma criança a arte da leitura, não começaria com as letras e as sílabas. Simplesmente leria as histórias mais fascinantes que a fariam entrar no mundo encantado da fantasia. Aí então, com inveja dos meus poderes mágicos, ela desejaria que eu lhe ensinasse o segredo que transforma letras e sílabas em estórias. (ALVES, 2008, p. 109).

Com o texto "A linguagem escrita e o direito à educação na primeira infância" (SPRÉA apud BAPTISTA, 2010), pude entender que a criança, ao brincar, não só aprende as brincadeiras, mas se desenvolve socialmente, aprende a interagir, adquire conhecimento, troca experiências e desenvolve aptidões. Tudo isso contribui para seu convívio e é fundamental em sua socialização enquanto um ser em construção. Patricia Corsino (2009) traz os estudos de Vygotsky (1991, 1993) abordar a linguagem como

o sistema simbólico básico de todos os grupos humanos, responsáveis pela mediação entre o sujeito e o mundo, que exerce papel fundamental na comunicação entre as pessoas, no pensamento e no estabelecimento de significados compartilhados que permitem interpretações dos objetos, eventos e situações. (CORSINO, 2009, p. 51).

Observando as crianças em suas brincadeiras, observo o movimento corporal e as expressões gestuais e tudo isso conta para estabelecer a comunicação com o outro. O convívio com outras crianças ajuda nesse desenvolvimento individual. A criança precisa participar, dialogar, fazer descobertas, para se sentir protagonista da sua própria história.

A partir de minhas observações vejo que é possível intervir, mediar, dialogar e entender a escrita e a linguagem de cada criança, dentro da própria brincadeira e de sua aprendizagem.

Trago uma pequena experiência que tive com meu sobrinho de 6 anos, que está aprendendo a ler. Um belo dia, fazendo uma atividade para o colégio, ele tinha que ler, copiar algumas frases e depois desenhar o que dizia cada uma. Quando acabou de ler a frase "A gaivota caiu no lago", disse: "Bem feito" e deu uma grande gargalhada. Ou seja, ele imaginou a cena da gaivota caindo no lago e achou engraçado. Penso que ele não quis o mal da ave, mas, seu poder da imaginação o levou a pensar em uma cena. Confesso que achei lindo esse ato de imaginação dele, pois foi possível perceber o lindo trabalho que um livro pode significar para uma criança, permitindo diversas interpretações. O uso da imaginação é muito diferente, vindo da vivência e

experiência que cada criança carrega consigo. Ler deixa o mundo mais leve e as pessoas com mais conhecimento e com sede de ler e querer saber mais.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunde com a prática. (FREIRE, P., 1996, p. 39).

Vimos como as fotos, as sínteses e as cartas guardam camadas que podem ser escavadas e trazem lembranças de quem fomos: “tais lembranças necessitam ser faladas, escritas, lidas, assumidas, afirmadas, escutadas, para poderem assim ganhar status de memória, serem lapidadas. (FREIRE, M. , 2008, p. 42).

Esse curso me deixou com a mente mais clara, mais aberta para o que é ser uma educadora. Viver a formação dentro de uma concepção democrática de educação me levou a buscar e a questionar mais . A descoberta do quanto cresci me levou para outros ambientes, ampliando meu leque de conhecimentos.

Depois desse passo dado, a gente não aceita qualquer coisa que o outro venha falar ou mostrar. A gente quer buscar, quer mostrar que sabe e o que pensa de diferente. Me vejo agora como uma eterna pensadora, uma eterna aprendiz. Sei o que é direito do educador e o que é direito do educando dentro de sala. Para essa construção, esse conhecimento vasto, que é a arte de educar, é preciso essa troca constante.

Estou a cada dia desconstruindo sentimentos e ensinamentos de antigamente, os quais não me deixavam crescer. Estou construindo e reformando, a partir de tudo que vivi e experimentei no Curso Normal Superior do Pró-Saber.

Porém, não somos capazes de aprender sozinhos, precisamos do outro para essa construção do conhecimento.

Eu sabia que a educação infantil era um espaço de muitas descobertas, com grandes desafios e muitos aprendizados a serem desenvolvidos, a partir do que as crianças trazem em suas histórias. Minha formação no Pró-Saber não foi apenas importante, mas primordial para minha atual condição de educadora na educação infantil.

Não imaginava aprender, trocar e construir tanto nesse curso e com esse grupo tão especial de educandos. Tudo que sou hoje e tudo que tenho realizado em minha prática só foi possível com o que descobri nele, que não só transformou minha vida como educadora, mas também como pessoa, me fazendo uma nova leitora, com nova visão para a aprendizagem e potencial de cada criança.

Em resumo, com essa “arqueologia de si” proposta por Porto e Gusmão (2018) pude mergulhar na experiência vivida como aluna do Pró-Saber. Um de meus objetivos enquanto educadora, atualmente, depois dessa jornada de formação, é valorizar cada aprendizado como forma de construção de conhecimento individual, do grupo e do educador.

Me pergunto agora: O que o Pró-Saber é para mim? Respondo: Uma família. Aqui me descobri como pessoa, ser humano pensante, amoroso e reflexivo. Chegar ao Pró-Saber foi um presente, pois percebo com muita clareza a transformação de minha vida pessoal e profissional como consequência do que aprendi e descobri sobre minha cultura, a arte e a educação. Me sinto parte da “constelação Pró-Saber”.

Me sinto história, sou história.

Fico a pensar como serão as minhas futuras noites sem estar no Pró-Saber. Digo que sentirei MUITA saudades, saudades de todos e desse espaço acolhedor que é oferecido pela instituição. Mas desejo que meu esforço, minha escrita e persistência continuem constelando e servindo de inspiração.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **Ostra feliz não faz pérola**. São Paulo: Planeta, 2008.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724: 2011** – Informação e documentação – Trabalhos acadêmicos – Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2011.
- BAPTISTA, Mônica Correia. **A linguagem escrita e o direito à educação na primeira infância**. Belo Horizonte: CEALE, 2010.
- BOSI, Eclea. Memória: enraizar-se é um direito fundamental do ser humano (entrevista a Mozahir Salomão BRUCK). In: **Dispositiva**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 196-199, nov. 2012.
- CORSINO, Patrícia. A brincadeira com as palavras e as palavras como brincadeira. In: CORSINO, Patrícia (Org.) **Educação Infantil: cotidiano e políticas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.
- FREIRE, Madalena. **Educador educa a dor**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- FREIRE, Madalena. **Sobre os instrumentos metodológicos na concepção democrática de educação**. Rio de Janeiro: Comunidade Pró-Saber, 2014.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GUSMÃO, Denise Sampaio; PORTO, Cristina Laclette. Arqueologia de si e delicadeza: a fotografia e o outro como caminhos. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; CUNHA, Jorge Luiz da; FURLANETTO, Ecleide Cunico; BIASOLI, Karina Alves (org.) **Anais... VIII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica. Digital**. São Paulo: BIOgraph, 2018. Disponível em: [http://viiiicipa.biograph.org.br/wp-content/uploads/2019/02/29E1COM\\_COMP\\_Cristina-Laclette-Porto.pdf](http://viiiicipa.biograph.org.br/wp-content/uploads/2019/02/29E1COM_COMP_Cristina-Laclette-Porto.pdf). Acesso em: 12 set. 2020.
- JESUS, Maria Carolina de. **Quarto de despejo**. São Paulo. Ed. Ática, 2014.
- JUNIOR, Otávio. **Da minha Janela**. Ilustrações de Vanina Starcoff. São Paulo, Companhia das Letrinhas, 2019.
- QUEIRÓS, Bartolomeu. **Por parte de pai**. Belo Horizonte: RHJ, 1995.
- QUEIRÓS, Bartolomeu. **Sobre ler, escrever e outros diálogos: uma Definitiva Presença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- RIBEIRO, Nye. **De todas as cores**. Ilustrações de Ellen Pestili. São Paulo: Roda e Cia: 2005.